

Processos Cognitivos Inconscientes: Algumas Ideias e Factos *

Eduardo João Ribeiro dos Santos **

RESUMO

Os processos cognitivos inconscientes são hoje uma realidade perfeitamente evidenciada por estudos experimentais. As pesquisas no domínio da atenção e da percepção iniciaram um conjunto de estudos que se tem alargado a campos como a memória, a emoção, as desordens do comportamento ou o funcionamento cortical. Dada a natureza complexa do funcionamento destes processos, as metodologias utilizadas têm-se revelado como o factor mais importante na investigação.

PALAVRAS-CHAVE: Inconsciente cognitivo, atenção, percepção, memória, metodologias de investigação.

Afirma Atlan que «le véritable vouloir est inconscient» (1970, 140), ao reflectir sobre o «sistema cognitivo humano». Esta formulação, saudavelmente, provocante, e «forte», utilizando a terminologia de Shevrin e Dickman (1980), exprime a consciência crescente das influências no comportamento dos processos cognitivos inconscientes. Para Van den Bergh e Eelen (1984) pode-se, mesmo, considerar que a designada revolução cognitiva se compõe de duas vertentes — a primeira apelidada «the conscious cognitive revolution» e a segunda «the unconscious cognitive revolution» (*op. cit.*, 174). A primeira vertente desta revolução é, sem dúvida, a mais divulgada e a que tem conhecido maior volume de discussão e investigação. No entanto, a discussão e a investigação no campo da segunda vertente também já é um facto, prometendo igual, ou talvez maior, controvérsia. Do ponto de vista teórico discute-se já, neste momento, se a designação conceptual da dimensão psicológica subjacente deverá ser feita em termos de «inconsciente», estabelecendo similitudes psicanálticas, ou em termos de «processamento inconsciente», remetendo para o contexto cibernético e, designadamente, para a teoria da informação. Abre-se, pois, um novo campo para a compreensão do comportamento, do qual

* Agradecemos ao Prof. Doutor Manuel Viegas Abreu da Universidade de Coimbra os seus valiosos comentários e sugestões na elaboração deste artigo.

** Assistente da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra.

iremos esboçar alguns breves apontamentos no domínio das ideias e dos factos experimentais.

Assim, e iniciando com uma breve referência histórica — tarefa que se nos afigura necessitar de estudos aprofundados — poderemos afirmar que o inconsciente psicológico já possui alguma longevidade enquanto ideia, embora com grande predomínio das teorias psicanalíticas. Porém, esta dominância clínica do ponto de vista conceptual e experiencial foi sendo também acompanhada pela reflexão de investigadores de inspirações teóricas bem diferentes. Não obstante os argumentos em seu desfavor, os processos inconscientes já eram em 1890 tema de análise para William James. Mais especificamente, os processos cognitivos inconscientes eram, ainda mais cedo, objecto de reflexão com Helmholtz (1866, 1925) e a sua noção de «unconscious inference» aplicada ao domínio perceptivo. Neste domínio é, também, de destacar a referência de Allport (1962) a uma primeira recensão de estudos sobre os processos perceptivos inconscientes integrada na obra de Blake e Ramsey (1951). Com grande impacto os trabalhos de Bruner, Postman e outros autores integrados na chamada «escola do New Look» também apontam, designadamente nas suas investigações sobre a «perceptual defense», para este sentido do processamento cognitivo inconsciente. Registe-se, ainda, a este propósito, as pesquisas de McCleary e Lazarus, descritas por Bruner e Krech (1950), sobre o processo de discriminação taquitoscópica subliminar de sílabas sem sentido condicionadas a choques (avaliado através da resistência galvânica da pele), que os autores denominaram de «subception» e relativamente às quais Allport fez a seguinte apreciação:

«The results of this remarkable study seem to show that there is a very rapid and unconscious, but nevertheless «veridical», level of perception that goes on at the same time as the slower and less accurate process of consciously perceiving...» (1962, 319).

Finalmente, a designação acabou por ser patenteada. Marco dessa realidade é a comunicação de Piaget (1971; 1972) à Sociedade americana de psicanálise sobre as relações entre o inconsciente afectivo e o inconsciente cognitivo, onde se avançam noções como a de «refoulement cognitif» e se reforçam ideias como a de Binet (1903/1922), para quem o pensamento se pode considerar como uma actividade inconsciente.

Como se constata, embora as ideias em torno do inconsciente cognitivo não se tivessem constituído de imediato como um corpo conceptual articulado de forma sistemática, nem por isso deixaram de explicitamente apontar para uma realidade sempre pressentida. Assim como continua a acontecer em autores contemporâneos que, porque não centrados especificamente na sua natureza e funcionamento, explicitam-no mais em termos de processos do que de instância psicológica. É exemplo a afirmação de Abreu (1978), ao comentar as experiências de Thorndike (1932), e que passamos a citar:

«O facto de existirem participantes que afirmaram no questionário não ter tomado consciência daquela relação não constitui prova suficiente de não terem estabelecido de forma implícita um esquema mnésico, embora parcial e imperfeito, susceptível de orientar ou guiar a selecção de, pelo menos, algumas das suas respostas. Estaríamos aqui perante uma organização mnésica das informações colhidas no decurso da experiência, que, processando-se embora de forma accidental, não deixaria de se repercutir na selecção das respostas; *organização mnésica não-intencional e não inteiramente consciente nem verbalizada*¹, cuja actuação, embora efectiva, se diferenciaria da actuação da organização mnésica alcançada pelos outros participantes, na medida em que estes a terão eventualmente utilizado, aperfeiçoando-a e consolidando-a, como um sistema de mediadores verbais ao serviço da realização da tarefa» (*op. cit.*, 35).

Hoje, através desta evolução, torna-se possível, com base em factos experimentais, definir o inconsciente psicológico, nomeadamente cognitivo, em termos não necessariamente subsidiários dos postulados psicanalíticos, embora também não necessariamente em sua contradição. Deste modo, o inconsciente pode-se descrever como o factor ou instância explicativa das discontinuidades na lógica causal do comportamento (Shevrin and Dickman, 1980). Em termos da sua definição específica, o inconsciente, segundo estes autores, materializa-se nas suas características:

- é psicológico, ou seja, não é mero epifenómeno de outras realidades como, por exemplo, determinadas alterações fisiológicas e estende-se a todos os processos psíquicos;
- é activo, ou seja, influencia directamente o comportamento;
- e, finalmente, pode ser estruturalmente diferente dos processos conscientes, ou seja, num postulado «forte» (cf. *supra*) regula-se por leis próprias (*op. cit.*).

As características acima enunciadas constituem o lastro de inúmeras pesquisas já realizadas, maioritariamente, no domínio da atenção e da percepção e com implicações e derivações para diversos domínios, como a memória e o funcionamento cortical.

No que se refere à atenção, é de salientar que este é um domínio fundamental para a compreensão do funcionamento dos processos cognitivos, quer conscientes, quer inconscientes. Pribram (1981) identifica a consciência ao controlo atencional. Nielsen e Saranson (1981, 945) também partilham desta opinião, citando Freud em *The interpretation of dreams*:

«The act of becoming conscious depends upon a definite psychic function — attention — being brought to bear» (1900/1938, 529).

¹ Itálico nosso.

Para Van den Bergh e Eelen (1984), foi o modelo de Broadbent (1958) sobre a atenção o principal precursor das modernas teorias da informação, não se podendo hoje dissociar o estudo da atenção do estudo do processamento da informação, como refere também Posner (1982).

Fazendo o ponto da situação relativamente às pesquisas sobre a atenção, especificamente, sobre a atenção selectiva, pode-se concluir que os diversos modelos e estudos, desde a pioneira «filter theory» continuamente desenvolvida por Broadbent (1977), postulam a existência de um estado ou fase pré-atencional no processamento cognitivo da informação, que se caracteriza por um tratamento inconsciente desta em canais paralelos e simultâneos, em contraste com a fase consciente em que este tratamento é feito em série e sequencialmente num único canal (cf. Deutsch and Deutsch, 1963; Neisser, 1976; Posner, 1973; Posner *et al.*, 1973; Sternberg, 1975; Treisman, 1964). É de destacar deste conjunto de estudos os de Neisser, Posner e Sternberg, dado que os restantes assentam mais nas características psicofísicas da informação, do que no seu significado psicológico. Assim, Neisser (1976) propõe que em algumas situações nem sequer se ultrapasse a fase inconsciente ou pré-atencional, postulando que em função da experiência passada alguns estímulos sejam «reprimidos» e não sejam nunca percebidos conscientemente. Nesta linha de reflexão, Posner (1973) considera que o processamento da informação se realiza primeiramente através de um momento de codificação referente aos diversos registos (visual, simbólico, etc.) — «when the subject is presented visually with a list of letters, the names are also activated, although they may not be conscious. Similarly, when the subject hears a list of letters names the visual code is increased in availability» (*op. cit.*, 59), citado por Shevrin e Dickman (1980, 425) — após o qual se desenrola um processo de comparação com a memória de longo termo (LTM). Só após a finalização destes processos, se opera por retroacção a selecção dos códigos e conteúdos mnésicos a emergir na consciência. Como prova da natureza inconsciente desta fase do processamento da informação e, também, da sua ligação aos processos mnésicos — opinião reforçada por outros autores como Corteen e Wood (1972) e Nielsen e Saranson (1981) — Sternberg (1975) em estudos sobre os tempos de reacção em tarefas de memória, revela, por um lado, que estes tempos são inferiores aos tempos correspondentes em «covert speech», usado como índice do processamento consciente, e por outro lado, que estas tarefas não são acessíveis à descrição por introspecção. Semelhantes reflexões se poderão aplicar às investigações utilizando a metodologia de «semantic priming» em que se avalia o comportamento face a um estímulo-alvo inserido em sequências temporais, subliminares ou não, de outros estímulos semânticos (preparadores e máscaras), e que poderá ser a identificação rápida de uma palavra desagrupada nos seus elementos.

Em resumo, podemos concluir que os estudos sobre a atenção reúnem factos suficientemente quanto à existência de processos cognitivos inconscientes. No que diz

respeito aos estudos sobre a percepção, de que já esboçámos alguns apontamentos (cf. *supra*), os mais divulgados, mas não menos exigentes do ponto de vista metodológico, são as pesquisas sobre a percepção subliminar. As inúmeras investigações como as de Dixon (1971), Fisher (1956), Klein e Holt (1960), Spence (1961; 1966); Spence e Holland (1962) e Spence e Smith (1977), têm levado estes autores às mesmas grandes conclusões de que as encontradas no domínio da atenção selectiva. De diferente é a constatação que os estímulos subliminares são menos conscientizáveis, produzem efeitos tanto a curto como a longo prazo e em diversos estados de consciência (sonho, hipnose, etc.), como referem Shevrin e Dickman (1980). Para além destas investigações, outros processos perceptivos têm sido estudados. Trata-se de pesquisas realizadas através do registo electroencefalográfico de potenciais corticais evocados por fenómenos visuais como a «retinal image stabilization», «binocular rivalry» e «backward masking» por efeito Crawford ou metacntraste. As metodologias utilizadas têm como finalidade a indução inconsciente de imagens e a análise diferencial dos potenciais corticais evocados relativamente aos padrões referentes ao estado consciente na percepção dos estímulos (cf. Coren and Porac, 1974; Turvey, 1973; Walker, 1978). As conclusões a que estes estudos têm permitido chegar vão também no sentido já apontado para os outros domínios.

Perante este conjunto de estudos que brevemente referenciámos, constata-se que a existência de processos cognitivos inconscientes se pode considerar como uma realidade psicológica. Realidade para a qual se tem procurado também a sua explicação neurológica e que tem avançado em função dos diversos tipos de metodologias utilizadas. Na situação de percepção subliminar a hipótese que se coloca é a dos limiares de activação cortical, que são superiores em zonas como o sistema reticular de referenciação consciente; se a exposição dos estímulos é inferior a esse limiar temporal, apenas as zonas de codificação e registo mnésico (de limiares inferiores) são activadas. Em situações de interferência, como o caso do fenómeno Stroop, em que a nomeação da cor de uma palavra é perturbada quando a palavra significa uma cor diferente daquela em que está impressa, poder-se-à colocar como hipótese que a maior velocidade de conductividade das fibras activadoras das zonas corticais de referenciação mnésica provoca uma fase antecipatória de processamento de informação, antes que esta atinja zonas de referenciação consciente, o que provocará um desdobramento interno e concorrente da informação.

Esta atenção permanente às metodologias para a compreensão dos resultados tem sido uma das maiores preocupações dos investigadores que se dedicam a estes estudos, pois os principais críticos destas investigações têm argumentado que os resultados são fruto dos artefactos metodológicos utilizados, mais do que da evidência das realidades. No sentido de responder a estas críticas, os investigadores têm-se esforçado por inventariar as maiores dificuldades encontradas na organização das suas pesquisas. Saliente-se quanto a este assunto, e a título de exemplo, que na situação de percepção subliminar se levantam vários problemas, tais como a

detectabilidade dos estímulos em função das condições de iluminação, da sua saliência emocional, ansiogeneidade ou do nível de vigilância do sujeito.

Apesar das dificuldades apontadas, o campo de investigação não tem parado de se alargar. Refira-se uma vez mais a título exemplificativo, as pesquisas de Bargh (1982) e Bargh e Pietromonaco (1982) sobre a dimensão inconsciente na percepção social. Refira-se, igualmente, o conjunto famoso de investigações realizadas por Silverman e colaboradores com a aplicação do método de ativação psicodinâmica subliminar, de que destacamos as realizadas com esquizofrênicos (Silverman, 1983), a quem a apresentação taquitoscópica de estímulos verbais, como por exemplo, «Mommy and I are one», reduziu significativamente os distúrbios do comportamento destes sujeitos. Inspirados nas teorias psicanalíticas e na operacionalização de alguns dos seus conceitos — veja-se o estudo de Geisler (1986) sobre a repressão — Silverman e colaboradores constituem um grupo que representa a tendência de procura de investigações aplicadas, onde confluem campos diversos, como neste caso da psicologia experimental e da psicanálise. A este propósito, atente-se nesta reflexão de Nielsen e Saranson:

«... the technique of free association might be conceptualized as therapeutic training in allowing preattentive information to intrude upon awareness» (1981, 959).

Outro exemplo que ilustra esta tendência é a pesquisa de Van den Bergh e Eelen (1984) sobre o processamento inconsciente e as emoções. Utilizando uma metodologia DLP — «dichotic listening procedure» — em que os sujeitos através de um canal auditivo realizavam uma tarefa de atenção, que inibia a audição inesperada no outro canal de frases depressivas do tipo — «I feel alone and sad», os autores conseguiram induzir inconscientemente a expressão de sentimentos depressivos. Esta situação concreta remete-nos, pois, para uma confluência da psicologia experimental, clínica, e neurológica, se atendermos, relativamente à última, aos princípios de funcionamento cortical de inibição e facilitação, desenvolvidos desde Pavlov (1960), e que metodologias do tipo dual como esta favorecem. Resta-nos referir que a investigação tem-se alargado, como já afirmámos, mesmo num sentido geográfico, onde norte-americanos, europeus e soviéticos procuram trocar as suas experiências, como é o caso da obra editada por Prangishvili, Sherozia e Bassin (1978), procedente de uma conferência internacional.

RÉSUMÉ

Les processus cognitifs inconscients sont aujourd'hui une réalité parfaitement prouvée par des études expérimentales. Les recherches dans le domaine de l'attention et de la perception ont commencé un ensemble d'études qui est élargie à des champs comme la mémoire, l'émotion, les désordres du comportement ou le fonctionnement cortical. À cause de la nature complexe du fonctionnement de ces processus, les méthodologies appliquées se sont révélés comme le facteur plus important dans l'investigation.

Mots-Clés: Inconsciente cognitif — Attention — Perception — Mémoire — Méthodologies de recherche.

ABSTRACT

The unconscious cognitive processes are today a reality clearly shown by experimental studies. The researches in the domain of the attention and of the perception started a group of studies that has been spread out to fields like memory, emotion, behavioral disorders and cortical functioning. Attending to the complex nature of the functioning of these processes, the methodologies that are being used have been revealed as the most important factor in the research.

KEY-WORDS: Cognitive unconscious — Attention — Perception — Memory — Methodologies of research.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, M.V. (1978). *Tarefa fechada e tarefa aberta. Motivação, aprendizagem e execução seletivas*. Coimbra, Liv. Almedina Dist.
- ALLPORT, F.H. (1962). *Theories of Perception and the Concept of Structure*. New York, Wiley.
- ATLAN, H. (1979). *Entre le cristal et la fumée. Essai sur l'organisation du vivant*. Paris, Éditions du Seuil.
- BARGH, J.A. (1982). Attention and Automaticity in the Processing of Self Relevant Information. *Journal of Personality and Social Psychology*, 43, 425-436.
- BARGH, J.A. and PIETROMONACO, P. (1982). Automatic Information Processing and Social Perception: The Influence of Trait Information Presented Outside of Conscious Awareness on Impression Formation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 43, 437-499.
- BINET, A. (1903). *L'étude expérimentale de l'intelligence*. Paris (Coste, 1922).
- BLAKE, R.R. and RAMSEY, G.V. (Eds.) (1951). *Perception-an approach to personality*. New York, Ronald.
- BRILL, A.A. (Ed.) (1938). *The basic writings of Sigmund Freud*. New York, Random House.
- BROADBENT, D.E. (1958). *Perception and communication*. London, Pergamon Press.
- BROADBENT, D.E. (1977). The Hidden Preattentive Process. *American Psychologist*, 32, 109-118.
- BRUNER, J.S. and KRECH, D. (1950). *Perception and Personality: a symposium*. Durham, Duke University Press.
- CHASE, W. (Ed.) (1973). *Visual information processing*. New York, Academic Press.
- CORTEEN, R.S. and WOOD, B. (1972). Autonomic responses to shock — associated words in an unattended channel. *Journal of Experimental Psychology*, 94, 308-313.
- COREN, S. and PORAC, C. (1974). The fading of stabilized images: Eye movements and information processing. *Perception and Psychophysics*, 16, 529-534.
- DEUTSCH, J. and DEUTSCH, D. (1963). Attention: Some theoretical considerations. *Psychological Review*, 70, 80-90.
- DIXON, F. (1971). *Subliminal perception: The nature of a controversy*. London, McGraw-Hill.
- FISHER, C. (1956). Dreams, images and perception: A study of unconscious-preconscious relationships. *Journal of American Psychoanalytic Association*, 4, 5-48.

- FREUD, S. (1900). The interpretation of dreams. In A. A. Brill (Ed.) (1938). *The basic writings of Sigmund Freud*. New York, Random House.
- GEISLER, C. (1986). The Use of Subliminal Psychodynamic Activation in the Study of Repression. *Journal of Personality and Social Psychology*, 51, 844-851.
- HELMHOLTZ, S. von (1866). *Physiological optics*. In J.P.S. Southal (Ed.) (1925). *Optical Society of America*, Vol. III.
- JAMES, W. (1890). *The principles of psychology*. New York, Holt.
- KLEIN, G.A. and Holt, R.R. (1960). Problems and issues in current studies of subliminal activation. In J.G. Peatman and E.C. Hartley (Eds.). *Festschrift for Gardner Murphy*. New York, Harper and Row.
- MASLING, J. (Ed.) (1983). *Empirical studies of psychoanalytical theories* (vol. I). Hills-Dale, New York, Erlbaum.
- NEISSER, U. (1976). *Cognition and reality*. San Francisco, Freeman.
- NIELSEN, S.L. and SARANSON, I.G. (1981). Emotion, Personality, and Selective Attention. *Journal of Personality and Social Psychology*, 41, 945-960.
- PAVLOV, I.P. (1960). *Conditioned reflexes*. New York, Dover.
- PEATMAN, J.G. and HARTLEY, E.C. (Eds.) (1960). *Festschrift for Gardner Murphy*. New York, Harper and Row.
- PIAGET, J. (1971). Inconscient affectif et inconscient cognitif. *Raison Présente*, 19.
- PIAGET, J. (1972). *Problèmes de psychologie génétique*. Paris, Éditions Denoël.
- POSNER, M. (1973). Coordination of internal codes. In W. Chase (Ed.). *Visual information processing*. New York, Academic Press.
- POSNER, M. (1982). Cumulative Development Attentional Theory. *American Psychologist*, 37, 165-179.
- POSNER, M. et al. (1973). On the selection of signals. *Memory and Cognition*, 1, 2-12.
- PRANGISHVILI, A.S.; SHEROZIA, A.E. and BASSIN, F.V. (Eds.) (1980). *The unconscious: Nature, functions, methods of study*. Tbilisi, U.S.S.R., Metsnierba.
- PRIBRAM, K.H. (1981). The Brain as the Locus of Cognitive Controls on Action. In G. d'Ydewalle and W. Lens (Eds.). *Cognition in Human Motivation and Learning*. Leuven, Leuven University Press-Lawrence Erlbaum Associates.
- REDA, M.A. and MAHONEY, M.J. (Eds.) (1984). *Cognitive Psychotherapies. Recent developments in theory, research, and practice*. Cambridge, Ballinger Publishing Company.
- SILVERMAN, L.H. (1983). The subliminal psychodynamic activation method: overview and comprehensive listing of studies. In J. Masling (Ed.). *Empirical studies of psychoanalytical theories* (vol. I). Hills-Dale, New York, Erlbaum.
- SHEVRIN, H. and DICKMAN, S. (1980). The Psychological Unconscious. A Necessary Assumption for All Psychological Theory? *American Psychologist*, 35, 421-434.
- SOUTHALL, J.P.S. (Ed.) (1925). *Optical Society of America*.
- SPENCE, D.P. (1961). The multiple effects of subliminal stimuli. *Journal of Personality*, 29, 40-53.
- SPENCE, D.P. (1966). How restricted are the restricting effects?: A reply. *Journal of Personality and Social Psychology*, 3, 131-132.
- SPENCE, D.P. and HOLLAND, B. (1962). The restricting effects of awareness: a paradox and an explanation. *Journal of Abnormal Social Psychology*, 64, 163-174.

- SPENCE, D.P. and SMITH, G.W. (1977). Experimenter bias against subliminal perception? Comments on a replication. *British Journal of Psychology*, 68, 279-280.
- STERNBERG, S. (1975). Memory scanning: New findings and current controversies. *Quarterly Journal of Experimental Psychology*, 27, 1-32.
- THORNDIKE, E.L. (1932). *The fundamentals of learning*. New York, Teachers College.
- TREISSMAN, A. (1964). Selective attention in man. *British Medical Bulletin*, 20, 12-16.
- TURVEY, M. (1973). On peripheral and central processes in vision: Inferences from an information-processing analysis of masking with patterned stimuli. *Psychological Review*, 80, 1-52.
- VAN DEN BERGH, O. and EELLEN, P. (1984). Unconscious Processing and Emotions. In M.A. Reda and M.J. Mahoney (Eds.). *Cognitive Psychotherapies. Recent developments in theory, research, and practice*. Cambridge, Ballinger Publishing Company.
- WALKER, P. (1978). Binocular rivalry: Central of peripheral selective processes? *Psychological Bulletin*, 85, 376-389.
- YDEWALLE, G. d' and LENS, W. (Eds.) (1981). *Cognition in Human Motivation and Learning*. Leuven, Leuven University Press-Lawrence Erlbaum Associates.